



INSTITUTO  
SUPERIOR  
DE CONTABILIDADE  
E ADMINISTRAÇÃO  
DO PORTO

# Estudos Interculturais

---

*“O primeiro genocídio do Séc. XX.”*

# Índice

Introdução .....	2
Contextualização Histórica.....	3
A teoria que mudou o mundo .....	4
Governadores e Instabilidade .....	5
Batalha de Waterberg .....	8
Campos de Concentração .....	10
Rendição dos Namaqua .....	12
Ilha de Shark .....	13
Investigações Médicas .....	14
Desocupação alemã e suas repercussões .....	16
Civilizado vs. Selvagem .....	17
Construção Social da Identidade .....	18
Estruturas de Pensamento .....	19
Conclusão .....	20
Anexos .....	21
Bibliografia.....	23

## Introdução

Este documento apresenta o meu trabalho realizado para a unidade curricular de Estudos Interculturais, unidade que é lecionada pela professora Clara Sarmento, docente do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

Este elemento de avaliação foi-nos colocado pela professora como forma de reflexão e avaliação de um tema à nossa escolha no qual haja um contacto entre culturas, seja esse contacto algo positivo ou negativo, aplicando todos os conhecimentos que aprendemos ao longo do semestre. Precisaremos, para isso, de fazer uma pesquisa sobre um tema que abrange esse requisito referido anteriormente e este ser acompanhado, ainda, por um suporte. Exemplificando, um documento escrito, um filme, um relato, etc.

A minha escolha, como alguém que adora história, assenta sobre algo relacionado com esse mesmo tema. Assim sendo, recai sobre o genocídio das tribos Herero e Namaqua da Namíbia por parte dos alemães. Várias pessoas, inclusive Papa Francisco, referem-se ao armistício arménio como sendo o primeiro genocídio do século passado, no entanto, isso não corresponde à realidade.

Com este trabalho pretendo prestar a minha homenagem não só às tribos indígenas da Namíbia, que sofreram diversas atrocidades por parte dos alemães, como aos restantes povos africanos que foram subjugados e muitos deles aniquilados às mãos dos Europeus. Também, vou demonstrar as várias e divergentes visões por parte de cada povo; fazer uma comparação/confronto entre os povos “cultos/civilizados” vs “incultos/selvagens”; e demonstrar a perspetiva elitista, racista e preconceituosa da sociedade Europeia no início do século XX.

Este é um tema que não pode nem deve ser remetido ao esquecimento, pois retrata um acontecimento que marcou vilmente um país, um povo, uma cultura e que, ainda nos dias de hoje, sofre repercussões dessas atrocidades; algo que está enraizado não só no dia-a-dia desse mesmo povo, mas também na sua mentalidade.

“The problem of the twentieth century is the problem of the color line.” - W. E. B. Du Bois

## Contextualização Histórica

Para nos situarmos no tempo e no espaço, começo com uma breve contextualização de forma a ficarmos a par da situação.

O continente africano sempre despertou o interesse dos Europeus pelo ar misterioso e exótico e por guardar elementos bem diferentes daqueles com os quais eles estavam acostumados. Foi outrora, lar de grandes civilizações como da Cartaginesa, da Egípcia e de grandes impérios como o Songai, o Zulu e o do Mali, mas sempre sucumbiu ao poder dos invasores. Os Europeus com a sua estrutura de pensamento imperialista e colonizadora viram África com bons olhos, desde o século XV até meio do século XX. Povos como os portugueses, britânicos, franceses, espanhóis, belgas, holandeses e alemães que por lá passaram, estabeleceram a sua doutrina e deixaram a sua marca.

Situando-nos em pleno final do século XIX e sendo do senso comum que a maior parte dos países Europeus já possuíam colónias no continente africano, outros não contavam com nenhum território ultramarino e, por isso, queriam fazer parte deste leque de países colonizadores, foi então que, a meio do segundo Reich alemão (1871-1918), o chanceler **Otto von Bismarck** convocou a “Conferência de Berlim” com o intuito de fazer a Partilha de África pelas potências coloniais. Esta conferência aconteceu entre os dias 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 e contou com a participação da Grã-Bretanha, França, Espanha, Portugal, Itália, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos da América, Suécia, Império Austro-Húngaro e Império Otomano.

Já desde 12 de Maio de 1883 que **Adolf Eduard Lüderitz** se tinha tornado fundador da primeira colónia alemã em África quando adquiriu o território em torno da baía de Angra Pequena no Sudoeste Africano (atual Namíbia), foi aqui que pôde colocar este território sob proteção do império alemão após o consentimento dos restantes países participantes da conferência. Foi neste mesmo encontro que os alemães adquiriram formalmente o controlo do Togo, Camarões, Tanganica e do Ruanda-Urundi.

Assim, Otto von Bismarck conseguiu de maneira engenhosa expandir o território ultramarino alemão para o continente africano e com esta conferência reduziu os riscos de um conflito colonial a nível internacional com as restantes potências europeias.

Desta forma, chega-se ao ponto de partida, no qual se ergue a bandeira alemã na Namíbia e onde começa a nossa história. O império ultramarino alemão, apesar da sua pouca duração, foi de uma violência extrema, muitas vezes esquecida.

“German Imperialism in Africa: Short-lived, long felt”  
A Global History of the Developing World - Christopher M. White

## A teoria que mudou o mundo

Enquanto muitos países Europeus viam as terras africanas como uma forma de expandir o seu domínio pelo mundo, espalhando a sua ideologia, utilizando até alguns a escravatura como pretexto para a anexação; os alemães, pelo contrário, sentiram a necessidade de se expandir para um outro continente, criando, assim, o seu território ultramarino africano.

Durante o segundo *Reich* alemão houve um “boom” populacional. Milhares de alemães viviam em bairros degradados e em condições extremas e mesmo a cidade de Berlim era significativamente pobreza urbana. No seio da sociedade, os alemães eram conhecidos como as pessoas sem espaço e durante a década de 1870, mais de 350.000 alemães saíram do seu país de origem em direção aos EUA, tornando-se americanos.

Eis que uma personalidade destacou-se dos demais e influenciou o chanceler germânico com a sua teoria. Essa personalidade tinha o nome de **Friedrich Ratzel**, um geógrafo, professor da Universidade de Leipzig e etnólogo alemão que ficou conhecido por ter criado a teoria *Lebensraum* – espaço vital. Esta teoria assenta na ideia de que uma nação necessita de ter espaço à medida que cresce para poder sobreviver e prosperar. No seu livro intitulado de “Antropogeografia”, Ratzel afirma que esse espaço pode ser encontrado em África, que se a Alemanha conseguir estabelecer colónias no continente africano, que esses países tornar-se-ão países satélites que alastrarão a raça alemã pelo globo, e, desta forma, o *Reich* sobreviveria e cresceria.

Visto pela teoria de Ratzel, o *Reich* tinha duas escolhas, ou falhava devido à falta de espaço para a população crescer, e desta forma a população continuaria a emigrar para outros países em desenvolvimento, ou expandia-se para novos territórios no continente africano.

Findada a Conferência de Berlim, a Alemanha tem várias colónias africanas em seu poder, mas apenas uma tem potencial para albergar as famílias alemãs e camponeses, o Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia). Tanto Ratzel quanto outros apoiantes do imperialismo alemão promoveram, junto do Chanceler, este território como o melhor para se estabelecerem e utilizaram argumentos como este ser o único de todas as colónias que é livre de doenças, e que, apesar da maior parte do território ser deserto, há uma grande porção de terra que pode ser usada para a criação de gado.

Após muita pressão, o Chanceler cedeu e foi decidido que seria este o território mais indicado para ser criado o novo estado-satélite do império alemão em terras africanas.

*“Aller Anfang ist schwer.” - “All beginnings are hard.” – German Proverb*

## Governadores e Instabilidade

Após o Sudoeste Africano ter sido colocado sob proteção do império alemão foi nomeado para seu governador **Heinrich Ernst Göring** (1885-1890). A sua primeira ação enquanto governador foi assinar um “tratado de proteção” com o líder da tribo Herero, **Maharero**. Este tratado não valia o papel em que estava escrito, isto porque Göring não estava em condições de oferecer qualquer tipo de proteção, e isso ficou explícito depois de uma série de ataques armados por parte da tribo Namaqua. Este tratado foi desfeito anos mais tarde e Göring foi expulso por parte dos Herero depois de, involuntariamente, ter estendido a sua propriedade apropriando-se de parte de um cemitério ancestral Herero. Ainda durante este tempo, numa última tentativa de trazer investimento para o protetorado, surgiu um rumor que, nesta terra, havia ouro, pois foi encontrado restos de peças de ouro que provavelmente teriam sido fragmentos disparados de uma face da rocha.

Após a expulsão e conseqüente fuga de Göring para a baía de Walvis **Curt von François** foi nomeado como o novo governador do protetorado e começou a construção do seu quartel-general situado em Windhoek. Este optou por esta terra, pois era terra de ninguém e encontrava-se situada entre as tribos mais influentes. Também após a morte de Maharero, o seu filho, **Samuel Maharero** ascendeu a líder da tribo e após iniciarem as conversações, François conseguiu estabelecer um novo tratado entre ambos. Em 1892, foi construído um porto em Swakopmund e desta forma os alemães deixavam de depender do porto de Walvis que tinha sido anteriormente anexado pelos britânicos. Foi também que, neste ano, as duas tribos mais influentes e poderosas do país colocaram fim a 40 anos de guerra entre as duas e ficaram em paz. Com esta paz instalada, os colonizadores receavam que os Herero e os Namaqua unissem forças e atacassem as tropas de François.

Foi então que, em 1893, já tendo sido delineado o mapa de grande parte da colónia, François foi promovido a major e recebeu o título de *Landeshauptmann*, foi a primeira e única vez que foi entregue o título na colónia que significa “Administrador máximo”, e com isto recebeu um reforço de 225 soldados. Aproveitando este reforço militar, François ordenou um ataque ao líder Namaqua **Hendrik Witbooi**. Este ataque ficou conhecido como o “Massacre de Hoonkrans” no qual o exército alemão colonial *Schutztruppe* matou cerca de 80 pessoas, muitas delas mulheres e crianças. Este ataque foi um insucesso para os alemães, pois Witbooi conseguiu fugir para as Montanhas de Khomas no interior do deserto do Namibe. Foi a partir daqui que o líder tribal escreveu uma carta para as restantes tribos e para John Cleverly, magistrado britânico em Walvis Bay, denunciando os horrores do massacre cometido pelos germânicos. Nesta carta, Witbooi após denunciar detalhadamente o que aconteceu apelou diretamente ao público europeu na qual se pode ler:

*“Please let these miserable and frightful events be quickly known to all the great people in England and Germany. I cannot think that such a war as the Germans have now made is done by such a mighty and civilised people. Is it a straight forward or usual way of making war?”*

O insucesso ao lidar com as tribos, a fuga de Witbooi posteriormente para as Montanhas Naukluft e a pressão internacional sobre o massacre cometido levaram à destituição de François do cargo de “Administrador Máximo” e a ele sucedeu como governador **Theodor Leutwein** entre 1894 e 1905.

O novo governador tinha sobre os ombros uma pressão enorme por parte do chanceler Bismarck na qual tinha de acabar com o conflito levado a cabo por Witbooi e, ao mesmo tempo, criar incentivos para atrair mais alemães a estabelecerem-se na colónia em vez de escolherem Nova Iorque.

O seu objetivo pessoal era criar colonialismo sem derramar sangue e a sua política com os nativos africanos ficou conhecida como o “Sistema de Leutwein” que consistia numa mistura entre diplomacia e coesão militar. Durante o seu governo, houve uma descentralização administrativa em três centros regionais (Windhoek, Otjimbingwe e Keetmanshoop) e foi construída a primeira linha de caminhos-de-ferro entre a capital Windhoek e o porto de Swakopmund.

Leutwein soube esperar até ao momento certo para cumprir o seu objetivo primordial imposto pelo chanceler que era derrotar a rebelião do líder Namaqua, e finalmente fê-lo a 9 de Setembro de 1894, depois dos alemães sofrerem perdas pesadas nos desfiladeiros de Naukluft e depois de um ano e meio de luta e com os restantes guerrilheiros a morrerem pela fome, Hendrik Witbooi aceitou a oferta alemã de paz ao assinar o tratado de paz. Ao assinarem o “Tratado de Proteção e Amizade”, os guerrilheiros aceitaram abandonar as montanhas e voltar para o meio da sua colónia tribal. Esta colónia estava agora vigiada por guardas alemães que se certificavam que o líder Namaqua mantinha a ordem entre a tribo e se o conseguisse fazer, anualmente, receberia 2000 Marcos, sendo este considerado um contrato bastante favorável para a tribo, mesmo tendo saído derrotada.

Mesmo conseguindo a paz no território colonial, não se pode agradar a gregos e a troianos, o governador após ratificar este Tratado foi acusado pelos colonos conterrâneos de ser demasiado brando com os nativos negros, os conselheiros do *Kaiser* questionaram as capacidades de negociação de Leutwein pois achavam que este devia ter adotado um termo draconiano para resolver a situação, e para piorar, na primeira década do território como protetorado alemão, todas as medidas impostas até ao momento só conseguiram atrair 1200 novos colonos.

Foi então que, muitos deles, ao acharem que a sua raça era superior à dos restantes, pensaram que poderiam tratar os africanos com impunidade, e a reputação dos colonos alemães no que tocava às mulheres africanas era tão má, que chegou mesmo a ser falada na Alemanha, onde até em livros de desenhos animados os retratavam com ilustrações alusivas aos maus tratos.



Figura 1 – Livro de *cartoon* alemão da época

Com as notícias de mortes e violações a espalharem-se entre os Herero, vendo que os colonos lhes queriam tirar a terra, salários mal pagos em terras dominadas pelos “homens brancos” e com um aumento da dívida numa tentativa de restabelecer o gado perdido, estes começaram a formar uma rebelião.

E enquanto os colonos reclamavam por mais terra, os soldados da *Schutztruppe* também ambicionavam com o mesmo, e queriam, assim que acabassem a carreira militar, estabelecerem-se no território.

Com toda a tensão racial no ar, despoletou uma revolta por parte dos Herero no início de 1904, liderados por Samuel Maharero, mataram 120 alemães, incluindo mulheres e crianças, num ataque que ficou conhecido como “desesperado ataque surpresa”, os rebeldes cercaram Okahandja e cortaram ligações com a capital. Com tudo isto e sem um número suficientes de soldados para resistir à luta, Leutwein foi forçado a pedir reforços a um funcionário experiente em Berlim e o Tenente-General **Lothar von Trotha** foi nomeado Comandante-chefe do Sudoeste Africano, chegando à colónia com 14 000 soldados no dia 11 de Junho de 1904.

Enquanto Leutwein queria acabar com a revolta através de uma solução política, por via pacífica sem derramamento de sangue, von Trotha, por outro lado queria esmagar a resistência nativa.

*“My intimate knowledge of many central African tribes (Bantu and others) has everywhere convinced me of the necessity that the Negro does not respect treaties but only brute force.” - LvT*

**Tudo mudou a partir deste momento...**

## Batalha de Waterberg

Com a chegada de Lothar von Trotha o Sudoeste Africano Alemão encontrava-se agora dividido.

Por um lado, o atual governador com a reputação já descredibilizada, queria, através do diálogo alcançar a paz entre os dois povos, enquanto que o novo Tenente-General pretendia usar a força excessiva para acabar com qualquer revolta.

Lothar von Trotha tinha total apoio, este tinha a reputação de ser um General impiedoso e eficiente e ganhou-a depois de liderar as tropas do Império Alemão na Aliança das Oito-Nações, no qual conseguiram suprimir a Rebelião Boxer na China Imperial. Tanto os colonos lá presentes quanto o Imperador alemão Guilherme II (**Wilhelm II**) pediam uma mão forte e disciplinada para acabar com esta rebelião.

Quando o Tenente-General lá chegou, a revolta já se arrastava há 5 meses, e inicialmente não estava a conseguir ter muito sucesso com o Herero, também este sofreu muitas baixas. Após estudar bem o terreno e todas as possibilidades, no dia 11 de Agosto, ordenou as suas tropas cercarem os rebeldes em três lados, para que a única fuga possível dos Herero fosse para Omaheke-Steppe, uma zona sem água no árido deserto do Kalahari.

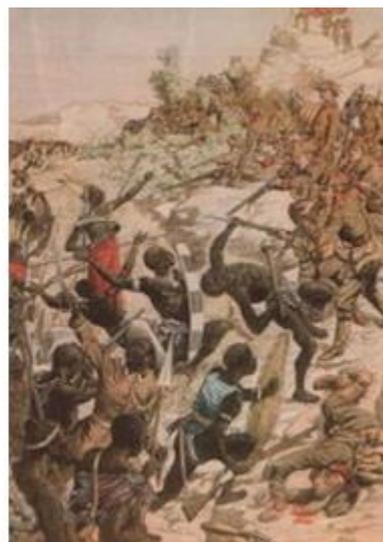


Figura 2 e 3 – Ilustrações da Batalha de Waterberg



Foi com esta fuga que os alemães conseguiram acabar com a rebelião, mas von Trotha não se sentia satisfeito, pois não conseguiu obter uma vitória decisiva na batalha. Após aceitar o pedido de perseguição por parte do Imperador, o Tenente-General ordenou que as suas tropas envenenassem os poços de água, levando os sobreviventes a morrerem por desidratação, também ordenou a criação de postos de guarda ao longo de 150 milhas impedindo qualquer Herero de voltar à sua terra natal. 2 meses depois, no dia 2 de outubro de 1904, o Tenente-General decretou o *Vernichtungsbefehl*, em português, “Ordem de Extermínio”.

*“I, the great general of the German soldiers, send this letter to the Hereros. The Hereros are German subjects no longer. (...) The Herero nation must now leave the country. If it refuses, I shall compel it to do so with the 'long tube' (cannon). Any Herero found inside the German frontier, with or without a gun or cattle, will be executed. I shall spare neither women nor children. I shall give the order to drive them away and fire on them. Such are my words to the Herero people.”*

Com este decreto, ficou claro para os Herero que não poderiam mesmo voltar, ficariam condenados à morte no deserto por subnutrição e desidratação, ou atravessariam o deserto com as suas famílias e recebiam asilo político por parte dos britânicos na Bechuanalândia (atual Botswana) onde poderiam lá ficar sob a condição de não continuar a revolta em solo britânico.

*“Until the lions have their own historians, the history of the hunt will always glorify the hunter.”*  
*Chinua Achebe*

## Campos de Concentração

Após Lothar von Trotha ter declarado a “Ordem de Extermínio” e enquanto milhares de Herero morriam por desidratação e subnutrição, na Alemanha, contestava-se esta posição controversa do Tenente-General. O chanceler **Bernhard von Bülow** aconselhou o *Kaiser* que as ações de Trotha eram “contrárias ao princípio cristão e humanitário, economicamente devastador e prejudicial para a reputação internacional da Alemanha”

As notícias desta brutalidade que von Trotha usou para acabar com a rebelião faziam parte das primeiras páginas dos principais jornais alemães, e logo se tornou um escândalo nacional havendo mesmo manifestações. Mas apesar do escândalo, inicialmente o Imperador alemão recusou-se a ordenar o cancelamento desta proclamação e durante dois meses os Herero foram perseguidos e mortos no deserto. Até que na manhã de 9 de Dezembro, um telegrama foi enviado com a ordem para von Trotha aceitar a rendição dos Herero.

Foi então que, o exército alemão, ao invés de assassinar os sobreviventes começou a juntá-los em Windhoek, e foi neste momento que nasceu o primeiro campo de concentração na colónia. Para persuadi-los a renderem-se, os soldados e missionários germânicos passavam a mensagem que os Herero tinham sido perdoados pelo *Kaiser* e poderiam voltar à sua terra natal.

Neste local, mais de 4000 pessoas encontravam-se aprisionadas e sofriam diariamente com a violência que lhes era infligida, as mulheres serviam de escravas sexuais e a fome fazia-se sentir.

Desta política teve início o genocídio em massa, em campos de concentração na colónia, encontrando-se dois em Swakopmund, outros dois em Lüderitz e um em Windhoek, Karibib e Okahandja.

Em meados 1905, milhares de Herero eram transportados para os diversos campos de concentração espalhados pelo país. Em Swakopmund residiam mais de 3000 Herero, na sua maioria mulheres e crianças. Teria sido construído aqui um campo de concentração, pois esta cidade graças ao porto erguido uns anos antes tinha-se tornado o centro da indústria e do comércio, um lugar onde o trabalho escravo era necessário. Quem para aqui era transportado trabalhava na construção de novos edifícios e nas descargas dos navios que atracavam no porto.

Apesar da violência ser comum e da comida ser escassa, a principal causa de morte eram as más condições climáticas que se faziam sentir na cidade mais a Norte do país. Para um povo que estava habituado ao clima quente do centro litoral, no Norte faz-se sentir muito mais frio pois não é uma zona influenciada pelo deserto, mas sim do Oceano Atlântico, e com temperaturas adversas foi-lhes dado somente um cobertor para a sua sobrevivência.

No momento da captura, aos Herero era dado um número no qual era anotado num livro de registos de forma a ajudar o processo burocrático. Os números de cada um eram posteriormente marcados num pedaço de metal em que cada prisioneiro teria de o usar como colar designando-os como mão-de-obra disponível.



Figura 4 – Prisioneiros Herero com colar numerário identificativo

Inicialmente, os campos de concentração eram propriedade única e exclusiva do Governo Colonial, mas algumas companhias lá situadas com o tempo tornaram-se tão grandes que lhes foi dada permissão de criarem os seus próprios campos de concentração. Com isto, houve uma divisão de campos de concentração destinados ao uso e usufruto do exército colonial e outros para as empresas privadas.

Quando sendo propriedade de empresas privadas, a “morte por exaustão” era tão frequente que, no momento em que era atribuído a cada prisioneiro o número identificativo, criavam um certificado pré-impresso individual com esta causa de morte.

O maior projeto feito com o trabalho escravo foi a construção de linhas férreas e a maior documentação remete para a construção das linhas férreas do Sul fundada pela companhia “Lenz & Co.” e foi realizada entre os anos 1906 e 1907 para ligar a cidade de Keetmanshoop a Lüderitz através de Aus. Inicialmente precisou de 2014 prisioneiros Herero dos seus próprios campos de concentração e meio ano depois, a companhia reportou ao Governo Colonial que 1359 prisioneiros teriam morrido nesta construção, cerca de 67.48% dos prisioneiros iniciais.

Estima-se que entre 1904 e 1909 cerca de 3500 Herero tenham morrido em Swakopmund. Enquanto os campos de concentração serviam como reservatório do trabalho escravo, um deles diferenciou-se dos demais e serviu de modelo para outros que foram criados no futuro.

## Rendição dos Namaqua

Depois de uma grande vitória frente aos Herero e de não existir nenhum membro desta tribo a viver livremente nas terras do Sudoeste Africano Alemão, Lothar von Trotha pôde então virar-se para outra tribo que tinha causado problemas no passado.

No dia 22 de Abril de 1905, enviou uma mensagem para os Namaqua sugerindo que estes se rendessem aos alemães, ou então enfrentariam o mesmo destino dos Herero:

*“The Nama who chooses not to surrender and lets himself be seen in German territory will be shot, until all are exterminated. Those who, at the start of the rebellion, committed murder against whites or have commanded that whites be murdered have, by law, forfeited their lives. As for the few not defeated, it will fare with them as it fared with the Herero, who in their blindness also believed that they could make war successfully on the powerful German Emperor and the great German people. I ask you, where are the Herero today?”*

Com a morte do carismático líder Hendrik Witbooi em 29 de Outubro de 1905, o sub-capitão **Samuel Isaak** substituiu-o na liderança da tribo e aceitou os termos impostos pelos alemães em Agosto de 1906.

O acordo tinha por base a renúncia armada por parte da tribo e ficariam num campo de concentração vigiados por soldados alemães, mas assim que os germânicos conseguiram controlar os Namaqua transportaram-nos para campos de concentração onde estavam os Herero, a maioria destes foi para Lüderitz.

Isaak contestou esta decisão dos alemães, pois esta transferência não fazia parte do acordo, mas os alemães ignoraram os protestos e em meados de 1906 cerca de 2000 Namaqua encontravam-se em Lüderitz, no mais temível campo de concentração.

## Ilha de Shark

Em Lüderitz havia dois campos de concentração, o primeiro era igual aos restantes que estavam espalhados pela colónia, no qual estavam Herero para fazerem o trabalho escravo construindo casas e estradas e aumentando a doca da baía de Lüderitz (antes conhecido por Angra Pequena).

O segundo campo de concentração ficava situado numa ilha perto da baía que estava longe do olhar do resto da população e o acesso a este local era totalmente proibido a quem não teria permissão para lá entrar. Esta é a Ilha de Shark, e aqui foi aplicado algo que nunca antes na história tinha acontecido.

Foi aqui usado o conceito de *Vernichtungslager*, em português “Campo de Extermínio”. Quem para aqui era transportado já sabia que ia ser eliminado, mas a maioria das vítimas nesta ilha não foram os Herero, pois após a rendição dos Namaqua, estes foram quem mais sofreu neste campo.

No final de Setembro de 1906, 1732 Nama foram enviados para o campo, tornavam-se, assim, as novas vítimas do genocídio que se estava a perpetuar na Namíbia. No relatório anual de Lüderitz, no final deste mesmo ano, um funcionário não identificado afirmou que o “Anjo da Morte” tinha vindo para a Ilha Shark. Em Abril de 1907, o Comandante alemão **Von Estorff** escreveu num relatório que até este mês, cerca de 1700 prisioneiros tinham perecido, 1203 dos quais eram Namaqua (uma taxa de mais de nove mortes por dia).

Durante todo este tempo, a colónia era um polo de atração para os investidores devido a reservas de diamantes que lá tinham sido encontradas, entre os quais **Fred Cornell**, um avaliador de diamantes que vivia em Lüderitz enquanto o campo de concentração estava em funcionamento afirmou:

*“Cold - for the nights are often bitterly cold there - hunger, thirst, exposure, disease and madness claimed scores of victims every day, and cartloads of bodies were every day carted over to the back beach, buried in a few inches of sand at low tide, and as the tide came in the bodies went out, food for the sharks.”*

As principais causas de morte neste campo eram o trabalho forçado, violência física, subnutrição, alojamentos insalubres, falta de vestuário numa ilha onde os ventos fortes vindos do Atlântico se fazem sentir num povo habituado a temperaturas áridas e a falta de atendimento médico às crescentes e mal controladas doenças que apareciam como a febre tifoide.



## Investigações Médicas

Com tantas mortes diárias na Ilha de Shark, os investigadores alemães viram aqui uma oportunidade de ouro para desenvolverem os estudos raciais, e foi nesta matéria que os guardas dos campos se envolveram vendendo crânios de Herero e Namaqua a cientistas e a museus na Alemanha.



Figura 5 – Soldados alemães a empacotar crânios que seriam vendidos para o estudo dos mesmos.

Não eram só os tribais que eram usados como objeto de estudo, os mestiços, resultados das violações cometidas pelos colonos às *Hottentots* (nome dado às mulheres das tribos), foram também usados neste estudo.

Experiências em cobaias humanas foram realizadas, aos prisioneiros que sofriam de escorbuto foi-lhes injetado diversas substâncias como o arsénio e ópio. Os efeitos destas substâncias no corpo eram analisados posteriormente por autópsia.

Eram também abundantes experiências em partes corporais humanas frescas que seriam enviadas para a Alemanha para serem estudadas. Cerca de 300 crânios foram enviados.

**Eugen Fischer**, professor de medicina e de genética também viajou até ao Sudoeste Africano Alemão para realizar o seu estudo em crânios e nas experiências que estavam a ser realizadas nas cobaias humanas. Em todo este processo, as *Hottentots* foram forçadas a ferver as cabeças dos mortos (alguns podem ter sido seus parentes) e após isto rasparem a pele e os olhos para que, assim, fossem como objeto de estudo.

O estudo de Fischer concluiu que deveria ser evitado a propagação da raça impura (mestiça), que crescia de forma estonteante, resultado da prostituição que surgiu por parte das *Hottentots* pois foi a única forma que estas encontraram para sobreviverem depois da morte da maior parte dos homens da tribo.

Em 1912, após o estudo concluído, o Império Alemão proibiu o casamento entre raças por todo o império colonial alemão.

O estudo de Fischer foi usado, mais tarde, como teoria base para o que aconteceu na Europa com a defesa da Raça Ariana como a mais pura por parte dos Nazis antes e durante a Segunda Guerra Mundial.



Figura 6 – Cabeça de uma *Hottentot*, utilizada como objeto de estudo.

## Desocupação alemã e suas repercussões

O campo da Ilha de Shark funcionou desde 1905 e Abril de 1907. Neste ano foi dada a ordem de encerramento por parte do Comandante Ludwig von Estorff que depois da sua visita ao campo apercebeu-se que não podia continuar a compactuar com tantas mortes daquela maneira.

Meses após o começo da Primeira Guerra Mundial, a Namíbia deixou de fazer parte do Império alemão, pois em 1915 foi anexada pela África do Sul, sendo que esta fazia parte do território ultramarino britânico conseguindo, desta forma, acabar com a brutalidade alemã.

Conseguiu depois de muitos anos de ocupação sul-africana e através de muito esforço, guerra e criação de guerrilha se tornar independente em 1990.

Este episódio negro na história deste país foi apagado dos registos e esquecido pela maior parte da população mundial, sendo que, atualmente no país não há nenhuma estátua em homenagem a estes povos que tanto sofreram chegando mesmo a duvidar da existência deste genocídio e de todas as atrocidades cometidas.

O *Reiterdenkmal*, em português, “Monumento ao Cavaleiro”, foi removido do espaço público na Namíbia em 2013 e era uma estátua que tinha sido colocada no país em 1911 no qual está representado Lothar von Trotha e demonstra a opressão colonial exercida pelos povos da região, com isto se vê a diferença de critérios, que de um lado num país que foi anexado há estátuas que simbolizam a força e brutalidade exercida por parte do povo invasor na região, e por outro lado, não há nada a mencionar o sofrimento do povo indígena.

Estima-se que 65 000 Herero (cerca de 70% da população da altura) e 10 000 Namaqua (cerca de 50%) tenham morrido no decorrer deste genocídio racial.

## Civilizado vs. Selvagem/Essencialismo

**Matthew Arnold** defendia que “a busca da perfeição” e, portanto, a oportunidade de alcançar a perfeição no sentido divino, intelectual, moral e espiritual, não se devia restringir a uma minoria privilegiada, mas estar também ao alcance das “massas rudes e desinteressadas da humanidade”.

Com isto, demonstra que há uma dicotomia entre o que se considera como ser “civilizado” e “selvagem”, o que com este trabalho demonstra ser algo bastante racista tendo em conta que há um ser “colonizador” e “colonizado”, o ser que domina e o outro que é dominado.

Logo à partida com a Conferência de Berlim e a conseqüente “Partilha de África” com o pretexto de que cerca de 80% de África estava desocupada já temos logo noção que os europeus se acham mais civilizados que os restantes, pois na sua arrogância e no seu ar altivo esquecem-se que África já estava ocupada com os povos da região, e os europeus não souberam respeitar nem a cultura das pessoas que já lá habitavam muito antes de chegarem nem o território, pois apropriaram-se dele.

Quando lá se instalam tomam logo a posição de colonizador, uns povos com os missionários tentando converter os indígenas à sua religião, outros através da força subjugando todo e qualquer povo. Esta é a imagem do povo alemão enquanto agente de civilização

A atitude dos colonos alemães face aos tribais demonstra também uma total falta de respeito, que sempre acharam a sua raça como a raça superior e dominante, e a brutalidade exercida sobre tanto os homens, no qual os alemães saíam sempre impunes de toda e qualquer ação que praticassem como sobre as mulheres que eram violadas e como se isso já não bastasse ainda eram vítimas de maus tratos demonstra em vários aspetos que os alemães não respeitavam a cultura, os costumes nem a vontade dos povos que lá habitavam.

*“Civilization is the process of setting man free from men.” - Ayn Rand, The Fountainhead*

## Construção Social da Identidade

Os estudos acerca da identidade dizem-nos que “as nossas ações e experiências são moldadas pelo ambiente social em que estamos inseridos e pelas nossas relações com os demais. Somos definidos pela forma como os outros nos veem, como vem os outros, como interagimos, não só numa base individual, mas também dentro de instituições como a família, trabalho e a escola.”

Por um lado, criados na Europa, estão os alemães. Numa Europa que nunca foi conquistada por outros continentes, com países fortes, raízes bem definidas, poderio militar e onde em todos os países existia sempre um representante máximo ao qual o restante povo tinha de respeitar e cumprir a lei estabelecida por ele.

Por outro lado, temos África como continente apetecível para os colonizadores europeus que queriam impor a sua doutrina, países em contante mudança e sem nenhuma autonomia, os povos que lá viviam eram constantemente subjugados ou por outras tribos ou por outras culturas europeias.

Uma cultura estrangeira era-lhes imposta por parte dos europeus, cultura essa que teriam de respeitar e assimilar, abdicando forçosamente da sua.

A roupa era o principal ponto de comparação nesta comparação social, os nativos utilizavam muito pouca roupa, quando o faziam, era somente para proteger as suas partes privadas, pois o clima assim o permitia, para os alemães isso era impensável, pois vinham de uma sociedade em que o traje fazia parte do quotidiano, e mesmo encontrando-se em terras onde o clima era quente demais para usar tanta roupa, faziam-no à mesma.

Os nativos ao serem subjugados pelos alemães passaram a usar o vestuário de acordo com as atitudes conservadoras dos missionários alemães.

Hoje em dia, mais de 100 anos após o genocídio, as mulheres ainda usam o traje vitoriano, pois “o vestuário serve como um lembrete de onde vieram, as cicatrizes do seu passado e é uma forma de reconhecer o fato de que eles são agora os únicos do poder”. Em parte, isto é uma assimilação/apropriação da cultura europeia e uma forma de demonstrar a superação da história e da experiência colonial.

## Estruturas de Pensamento

Estruturas de pensamento são “atitudes ou valores que são, tacitamente, partilhados por um grupo ou sociedade que ajudam o indivíduo a perceber o contexto em que se insere e ser reconhecido por uma parte relevante do grupo”.

Assim, as estruturas de pensamento por parte dos europeus são bastante racistas e fundamentadas em que a sua raça era superior em relação aos nativos. Primariamente, com a sua ideia de que a raça ariana era a pura comparando com a restante, depois com a subjugação de dois povos que acabou por resultar na proclamação da “Ordem de Extermínio” por parte de Lothar von Trotha, com esta proclamação, os Hereros deixaram de ter a terra à qual eles pertenciam e na qual os seus antepassados de muitas gerações viveram e procriaram.

Na história mundial, os campos de concentração só tinham sido usados duas vezes, a primeira foi usada pelos espanhóis e a segunda pelos britânicos na África do Sul, nestes dois casos, os campos foram usados para separar os líderes das revoltas, das pessoas que os apoiavam. No Sudoeste Africano Alemão foi utilizado pela primeira vez para albergar todo um grupo étnico com o intuito de usar o trabalho escravo e como forma de exterminar estes grupos. Os alemães começaram, assim, um novo capítulo na política de extermínio racial, com meios eficientes à maneira do século XX.

Acabaram também duma maneira vil e desumana por utilizar como cobaias os povos que utilizavam para as suas experiências e para os estudar, marcaram atroz e ferozmente toda uma cultura quase levando-a ao esquecimento.

Como estrutura de pensamento da época, os alemães eram donos e senhores da terra que tinham acabado de usurpar e acabaram por cometer inúmeros crimes com a finalidade de extermínio racial. A estrutura de pensamento é, neste contexto, um conceito que não pode em nada ser desvirtuado desta realidade.

*The mindset is that the barbarians are backward and inferior and for their own benefit we have to uplift them and civilized them, and educate them and so on. The psychology behind it is kind of transparent, but when you got your boot on someones neck and you are crushing them, you can't say to yourself "i'm not a bad person and i am doing it for my own benefit" – Noam Chomsky about Geman Southwest Africa*

## Conclusão

Com este trabalho, verifico que consegui ligar a matéria da disciplina ao tema histórico sobre o “Primeiro genocídio do Séc. XX”.

A escolha do tema foi ponderada e previamente analisada, no entanto admito que fiquei chocado e também bastante revoltado com muita coisa que descobri ao realizar a minha pesquisa mais aprofundada.

Verifiquei também que há muita falta de informação em relação a este tema, e em algumas páginas a informação que há não está completa, logo tive de realizar algum cruzamento de dados como forma de garantir a veracidade das minhas fontes e de fazer algumas pesquisas não só na língua inglesa como também na alemã.

Usei como suporte base um documentário que se encontra no youtube com o nome “Before the Jewish Genocide was the Namibia Genocide and the Second Reich” e tem como link: (<https://www.youtube.com/watch?v=8UehndG8HQg>).

Acabo este trabalho com a sensação de dever cumprido e acho que foi um trabalho muito bem conseguido da minha parte, optei por estruturar primariamente contanto toda a história e depois de conhecida a mesma, fazer a ligação com a matéria, desta forma torna-se mais perceptível e compreensivo o trabalho.

Optei por, na parte da ligação com a matéria, ser mais crítico com o intuito de denunciar pessoalmente as atrocidades cometidas que marcaram toda uma cultura diferente da minha, chego também à conclusão que todos têm o direito à sua terra e de serem livres de escolher o que querem seguir de livre e espontânea vontade e de não ser influenciado por terceiros, seja o tema religioso, cultural ou de vestuário.

Todos temos direito à liberdade e essa não nos deve ser tirada em situação alguma.

Como forma de conclusão, deixo uma questão: será que se a Alemanha não tivesse realizado estas experiências em solo africano que teria o mesmo papel e a mesma posição durante as duas guerras mundiais?



## Anexos

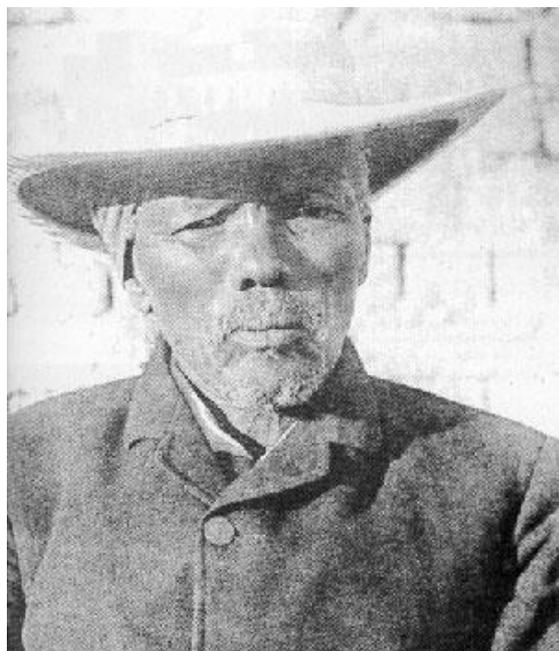


Figura 7 – Hendrik Witbooi

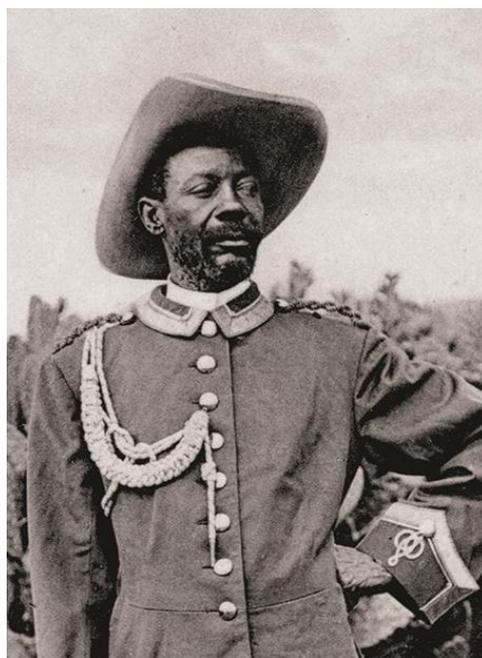


Figura 8 – Samuel Maharero

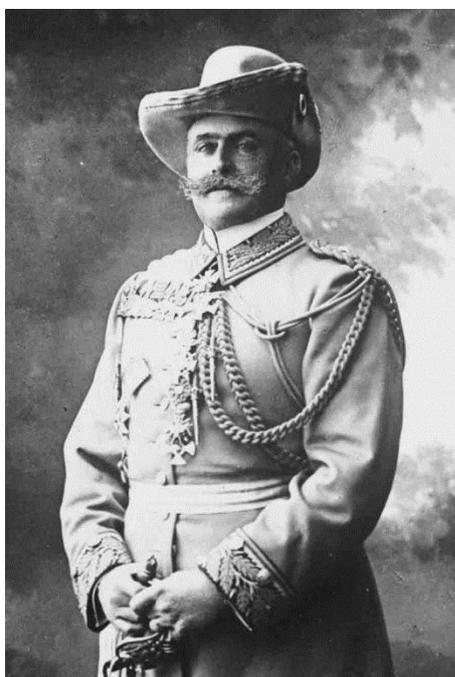


Figura 9 – Lothar von Trotha



Figura 10 – Ludwig von Estorff

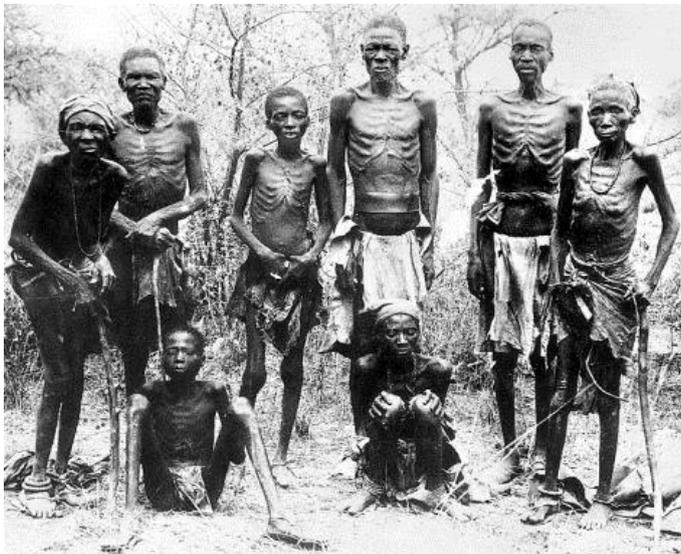


Figura 11 – Herero no deserto.



Figura 12 – Mulher Herero com traje vitoriano



Figura 13 – Exemplo de informação errada que era passada ao público alemão.

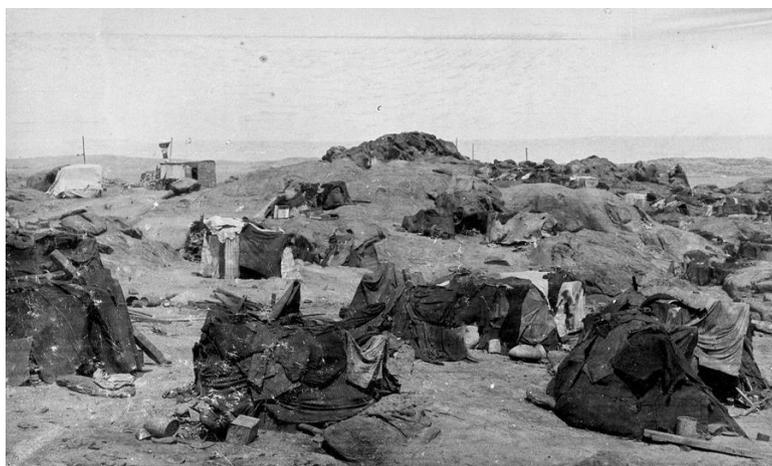


Figura 14 – Campo de concentração na Ilha de Shark



Figura 15 – Namaqua a serem executados

## Bibliografia

**Suporte base:** <https://www.youtube.com/watch?v=8UehndG8HQg>

**Partes de E-livros:**

[https://books.google.pt/books?id=IPFrK8\\_uXzUC&pg=PA39&lpg=PA39&dq=german+moves+in+africa](https://books.google.pt/books?id=IPFrK8_uXzUC&pg=PA39&lpg=PA39&dq=german+moves+in+africa)

<https://books.google.pt/books?id=CSqc0CsnL-AC&pg=PA76&lpg=PA76&dq=Massacre+of+Hoorndrans>

<https://books.google.pt/books?id=gYtmAQAAQBAJ&pg=PA71&lpg=PA71&dq=german+moves+in+africa>

**Outros vídeos:** <https://www.youtube.com/watch?v=Pis5f085P3M>

<https://www.youtube.com/watch?v=ElIN3ttVYiQ>

**Outro tipo de informação:**

<https://eravitoriana.wordpress.com/2015/09/30/herero-a-tribo-africana-cujas-mulheres-usam-roupas-vitorianas/>

<http://www.esquerda.net/artigo/memorias-revolta-dos-hereros-ha-111-anos/35434>

[http://www.ppu.org.uk/genocide/g\\_namibia.html](http://www.ppu.org.uk/genocide/g_namibia.html)

[http://www.namib.info/namibia/uk/history/german\\_protective\\_troops/23ndex.php](http://www.namib.info/namibia/uk/history/german_protective_troops/23ndex.php)

<http://www.footprinttravelguides.com/africa-middle-east/namibia/history/namibia-becomes-a-colonial-possession/>

<http://www.germanimmigrants1870s.com/>

<https://martinplaut.wordpress.com/2014/05/20/namibias-not-too-terrible-german/>

<http://www.gondwana-collection.com/blog/23ndex.php/curt-von-francois-leaves-noteworthy-legacy-to-namibia/>

<http://www.namibweb.com/ccamps.htm>

**Outro documento importante: (Paper)**

<http://www.sscnet.ucla.edu/soc/soc237/papers/steinmetz.pdf>